**#1 CORPO**

A primeira edição da BARÁ se movimenta em corpos, como a força motriz de umrio. Corpos racializados, corpos transgêneros, corpos que performam, corpos vivos, corpos que agem e produzem saberes em diáspora. Colaboradoras/es foram convidadas/os à redesenhar um corpo descolonial em rede; corpo que, no ver de pertoe no autocuidado ancestral, rascunha novos destinos e cria estratégias de vida nas fissuras de um tempo linear, racional e categórico. É isso o que faz COMPA, o teatro de jovens meninas/os bolivianas/os, pesquisado por Iara Machado, ou Carol do Vale, com sua busca pela autonomia da cura.

(Re)mirar o corpo é uma ação política e necessária para (re)pensar o estarno mundo. O corpo não é inteligível - por mais que o capitalismo colonial queira e tenha criado mecanismos de controle de modo a universalizá-lo. O corpo é múltiplo, atravessado por identidades e afeto constante. É feito de subjetividade, consciência e espírito. O olhar não basta e o toque, também, não. As etiquetas cravadas em nossos rostos, por determinismos, não descortinam o nosso interior. A invasão esterilizante em nossa mente, a fim de mapear nossa matéria, não é capaz de localizar a profundidade de nossas raízes.

BARÁ #1, além de corpo, torna-se encruzilhada de tempos, de culturas, conflitos, desejos, sujeitos e de Exú. É um lugar potente para tecer diálogos em encontros e desencontros, arranjos e desarranjos. Uma encruzilhada não se movimenta sem repouso, reflexão e olhar. As/os colaboradoras/os, nesse novo território, movem-se por atravessamentos com àqueles que, em suspensão, entrecruzam suas leituras. É uma via de muitas mãos. A encruzilhada é rumo possível para recriar narrativas, visibilizar conhecimentos soterrados pela colonialidade e escutar o que as bocas que foram caladas tem a dizer. É rumo de uma nova historiografia da arte que exige reconstrução, esse movimento abraçado por Claudinei Roberto e Laila Pereira.

Compreender o corpo como pactode nós com outros corpos, como traça Bru Pereira - e questionar que tipo de pacto é esse que fazemos, voluntária e involuntariamente -, nos ajuda a desmistificar a colonização e colabora em nosso autoconhecimento, que não é, nunca, um processo individual, mas de potencialização de sujeito para uma responsabilidade coletiva.

BARÁ #1 CORPO não é conclusiva, mas uma proposta aberta para pensarmos caminhos saudáveis, humanos e afetivos para esse corpo que é violentado pela norma - a branca, heterossexual, cisgênera e masculina - e racializado por ser diferente da mesma. Essa edição se manifesta como um convite reflexivo sobre esse corpo no mundo que nega a doença colonial.